

Os 80 anos da libertação de Buchenwald

Alojzy Maciak, sobrevivente polaco do Holocausto, comparece a um evento comemorativo do 80º aniversário da libertação do campo de concentração de Buchenwald, na Alemanha - um dos maiores campos de concentração nazis em solo alemão. Mais de 250.000 pessoas foram presas em Buchenwald e estima-se que 56.000 prisioneiros morreram.



EPA/HANNIBAL HANSCHKE

Mais de 50 países querem negociar tarifas com EUA

COMÉRCIO Norte-americanos começaram a cobrar tarifa de 10% no sábado. Taxas mais altas sobre países devem entrar em vigor quarta-feira.

Mais de 50 países contactaram a Administração norte-americana a solicitar o início de negociações sobre as tarifas alfandegárias anunciadas pelo presidente Trump, anunciou o conselheiro económico da Casa Branca, Kevin Hassett.

Os países que propuseram abrir negociações “fazem-no porque entendem que vão suportar uma parcela significativa destas tarifas”, disse o diretor do Conselho Económico Nacional e que apoia o presidente dos EUA em matéria de política económica.

Estas tarifas alfandegárias preveem um aumento universal de 10%, que entrou em vigor no sábado, mas serão aumentadas, a partir de quarta-feira, para várias dezenas de parceiros comerciais dos Estados Unidos, caso da União Europeia (20%) e da China (34%).

Kevin Hassett manifestou-se ainda contrário à tese segundo a qual estas novas taxas alfandegárias penalizarão, sobretudo, a economia americana. “Não creio que vamos assistir a um grande impacto nos consumidores nos Estados Unidos”, insistiu o consultor, entrevistado pelo canal de televisão ABC.

A maioria dos economistas espera que estes novos impostos so-

“Não creio que vamos assistir a um grande impacto nos consumidores nos Estados Unidos”, minimizou um conselheiro económico de Trump.

bre os produtos importados para os Estados Unidos provoquem uma aceleração da inflação e abrandem o consumo interno.

“Pode haver aumentos de preços”, admitiu Kevin Hassett, para quem estas tarifas aduaneiras são uma forma de “tratar os trabalhadores (americanos) de forma justa” e de os proteger da concorrência desleal.

Questionado sobre o motivo pelo qual a Rússia não consta da lista de países taxados, o consultor económico alegou as negociações em curso com Moscovo e Kiev sobre a guerra na Ucrânia.

“Penso que o Presidente tomou a decisão de não confundir as duas questões. Isto não significa que a Rússia, durante o maior tempo possível, será tratada de forma muito diferente de todos os outros países”, referiu.

DN/LUSA



Opinião Rui Frias

O lixo sobre as nossas cabeças

Embora a vida na Terra já esteja suficientemente dramática, também do Espaço têm chegado notícias inquietantes. E não falo do asteroide 2024 YR4, cujas monitorizações mais recentes indicam que já não será um problema direto para os terráqueos (mas sim, eventualmente, para a superfície da Lua).

Mais significativa e próxima do que essa ameaça é aquela que foi debatida na última semana pela Agência Espacial Europeia (ESA): o lixo. Sim, leu bem. O lixo que se acumula em volta da Terra desde que começámos a explorar o Espaço é um problema de cada vez maiores dimensões e pode ter consequências dramáticas no progresso da vida cá no burgo.

Provavelmente, lembra-se de ter visto as imagens de uma tribo no Quénia a olhar para um grande anel de metal com mais de 500 quilos que caiu na região de Makueni, em dezembro passado. Não pense que é assim tão inusual. Em 2024, restos de velhos satélites ou foguetões reentraram na Terra a uma média de três vezes por dia, segundo a ESA.

Um pouco por todo o mundo, objetos lançados na órbita baixa da Terra (LEO, na sigla inglesa) estão a cair de volta. Alguns queimam-se inofensivamente na atmosfera, mas há outros que sobrevivem à reentrada e atingem o solo a grande velocidade, às vezes em áreas povoadas. Essa órbita baixa da Terra, a região do Espaço que se estende entre 160 a 2000km acima da superfície terrestre, é a zona mais congestionada – é lá que estacionam constelações de satélites, sejam meteorológicos, de comunicação ou de navegação, ou a Estação Espacial Internacional (ISS).

Ora, segundo o último relatório da ESA, são já cerca de 40 mil os objetos rastreados por redes de vigilância espacial. Mas estima-se em mais de 1,2 milhões os objetos que andam ali à solta.

Desde que o *Sputnik 1* foi lançado pela ex-União Soviética, em 1957, muito mudou na exploração espacial. Sobretudo nos anos mais recentes, com a entrada de empresas privadas como a SpaceX, Amazon ou OneWeb nessa corrida. E hoje há cerca de 12 mil satélites em órbita.

Os cientistas apontam para o risco iminente de ativarmos a síndrome de Kessler, teoria apresentada em 1978 pelo cientista da NASA Donald Kessler: um efeito dominó com reações em cadeia, em que colisões geram mais destroços, aumentando exponencialmente o risco de novas colisões. Isso pode impedir novos lançamentos e bloquear o acesso ao Espaço, afetando missões científicas, comerciais e até futuras explorações lunares e a Marte.

Num cenário limite, se nada tivermos aprendido com os erros em Terra e descurarmos também a poluição espacial, arriscamos um sério retrocesso civilizacional. Exige-se, por isso, cooperação internacional e mudança de mentalidades. Infelizmente, vivemos por cá o pior dos contextos. Mas, se não introduzirmos com urgência a palavra sustentabilidade no debate espacial, é o futuro do espaço como recurso comum da Humanidade que fica em causa. Evitar a síndrome de Kessler deve ser uma prioridade global.

Editor do Diário de Notícias



Conselho de Administração Bernardo Penas Belo (Presidente), Luís Figueiredo de Barbedo Trindade, Kevin King Lun Ho, Vítor Manuel Almeida Santos de Menezes e António Manuel Mendes Ferreira **Direção** Filipe Alves (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira, Nuno Vinha e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** Nuno Silva **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão, 195-219 - 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º - 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascensão **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. - 41,51%, KNJ Global Holdings Limited - 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro - 20,40%, Grandes Notícias, Lda. - 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena - 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) - Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registo na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E-mail: apoiocliente@dn.pt



56933



5 605290 023002